045193

Ives Gandra da Silva Martins

A SANTIFICAÇÃO DO TRABALHO ORDINÁRIO

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
Professor Emérito da Universidade Mackenzie,
Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da
Federação do Comércio do Estado de S.Paulo.

No hedonismo que marca o fim do século, falar que o trabalho é instrumento de santificação e de realização do plano de Deus pode soar estranho, desatualizado, utópico.

O mundo aprendeu o que é "desfrutar" o prazer das conquistas tecnológicas e a grande ambição que os meios de comunicação, através da publicidade, passam para a sociedade que é bem sucedida a pessoa que pode viajar para o exterior, usufruir as delícias dos mais caros restaurantes, possuir os mais sofisticados modelos de veículos ou possuir em sua casa de moradia e aquela de lazer o que de mais moderno existe em matéria de eletrônica e facilidades domésticas.

Os meios para se conseguir tal "status" são menos relevantes e se forem desonestos, mas não evidentes, toleráveis. O trabalho é apenas um veículo para a ascensão individual e, se alguém puder trabalhar pouco e ganhar muito, deve ser elogiado, visto que sua realização pessoal é modelo a ser seguido mais do que o árduo e escondido labor que caracteriza a vida da grande maioria da humanidade.

À evidência, tal maneira de ser, que a mídia passa para o povo, não tem trazido felicidade àqueles que atingiram tal patamar, nem àqueles, que, por não o terem atingido, não são felizes, em face do fracasso de suas tentativas.

E os adultérios, assassinatos, roubos, crimes de colarinho branco

0558- Sempre Encontrando, Nº 14 - 30.08.93

corrupção pública, deterioração de costumes e de valores tornam-se nesta sociedade desfocada dos fins existenciais do homem, os componentes de sua insanidade e frustração.

Por isto é bom repensar a santificação do trabalho ordinário, aquela que tanto Maria e José praticaram, na modéstia e na eficiência de suas tarefas cotidianas.

Para Deus, o sucesso do trabalho é menos relevante que o trabalho em si mesmo. Este, quando bem feito, por ser executado em autêntico mandato divino, vale mais do que todos os executados na História, pelos Rotschilds e Rockfellers do mundo moderno, posto que tem a chama divina a impregná-lo. Não quero dizer que as fortunas amealhadas por aquelas famílias também não possam ter, em algum momento, tal chispa da presença de Deus, mas sim que o trabalho em si vale pela seriedade com que é feito e pela certeza de que se realiza o plano de Deus no mundo, sempre que a busca do sucesso individual ou das honrarias pessoais têm menor densidade que a glória de Deus.

O bem-aventurado JoséMaria Escrivá, pioneiro, no século XX, da valorização divina do humano, dizia que o trabalho de um jardineiro bem feito dá mais glória a Deus do que o trabalho mal feito de um Chefe de Estado.

Num mundo em que o século XX se caracteriza como a "Era da deslealdade", pensar novamente em valorizar o trabalho, santificando-o, é forma de reintroduzir os valores cristãos na vida ordinária. É como o centurião, o pescador, o coletor de impostos, o fazedor de tendas que escolheram o caminho que os introduziu na Eternidade com Deus, valendo mais do que aqueles que, vêem o acabar da vida, sem frutos outros que a agonia do fim.

Santifiquemo-nos no trabalho ordinário, santifiquemos o trabalho

ordinário, santifiquemos os outros com o nosso trabalho ordinário. Assim ensinava o Fundador da Obra de Deus. Assim devemos agir, como cidadãos correntes, todos os cristãos do mundo, pois a Cristandade é a verdadeira "longa manus" do Senhor.

IGSM/mos
asantif